

# Ensino de Química para Deficientes Auditivos e Surdos: comparação de metodologias didático-pedagógicas

Marizângela Ribeiro dos Santos (IC)\*<sup>1</sup>, Sandra Mara da Silva Oliveira(IC)\*<sup>1</sup>, Ana Luiza Teixeira Santos Lima(IC)\*<sup>1</sup>, Iago Maciel da Silva(IC)\*<sup>1</sup>, Wendel Menezes Ferreira (PQ)<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, 46430-000, Guanambi-BA, Brasil;

\*maridinda@hotmail.com

Palavras Chave: Ensino de Química, Didática e Surdos.

## Introdução

Inúmeros são os desafios da educação, pois além de ensinar é preciso despertar em cada indivíduo o desejo de mudança de comportamento diante das necessidades da sociedade atual. Entretanto, o maior desafio é ter uma educação de qualidade que integre todas as possibilidades de comunicação entre os seres humanos.

Segundo Skliar<sup>1</sup>, pode-se observar o brilho no olhar de uma pessoa surda quando ela consegue se comunicar e compreender o mundo em que vive. Para reafirmar este pensamento de Skliar foram aplicadas três metodologias diferentes em relação ao mesmo conteúdo (Substâncias Puras e Misturas) nas aulas de Química em uma turma do 1º Ano A do Colégio Estadual Idalice Nunes da cidade de Guanambi - BA.

Na primeira semana ministrou-se uma aula expositiva. Os alunos ouvintes acompanhavam a aula pela exposição da professora e os Deficientes Auditivos (DAs) e Surdos por meio da tradução da intérprete do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Na segunda semana, optou-se por uma aula experimental demonstrativa com materiais usados no cotidiano em oposição aos reagentes químicos usado comumente nos laboratórios. Na terceira semana realizou-se uma aula, no laboratório de informática, utilizando-se um programa que permite construir estruturas de moléculas.

Ao final de cada aula foi aplicada uma atividade de verificação da aprendizagem com a presença da intérprete para posterior avaliação de aprendizagem. Essas três atividades possuíam 12 questões discursivas que traziam imagens ilustrativas de substâncias para identificação de seus tipos (pura e mistura) e seus métodos de separação. E, ainda, 8 questões de múltipla escolha cuja resolução baseia-se na interpretação de pequenos textos para posterior compreensão do conteúdo trabalhado. Este trabalho teve, portanto, o objetivo de verificar qual metodologia didático-pedagógica melhor se aplica ao ensino de alunos deficientes auditivos e surdos em salas de aula inclusivas.

## Resultados e Discussão

Após a correção das três atividades aplicadas ao final das aulas, pode-se perceber que os alunos ouvintes tiveram um desempenho melhor do que o dos DAs na primeira atividade, com índice de

acertos de 76% para os ouvintes e de 48% para os surdos e de Das. Já na segunda e terceira atividades, os Das e surdos apresentaram um desempenho muito mais significativo em relação aos ouvintes, demonstrando um nível de abstração e de compreensão visual bastante acentuado com 87% de acertos contrapondo os 63% dos acertos dos ouvintes. E na terceira atividade, o nível de compreensão foi bastante próximo, mas os surdos e DAs ainda obtiveram desempenho superior com 92% de acertos e os ouvintes com 89,7% de acertos.

Verificou-se que um dos problemas para uma melhor compreensão da aula expositiva, a falta de sinais que indicassem termos específicos químicos e palavras utilizadas no contexto da Química. Outro entrave, revelado por Silva<sup>2</sup> (2004), diz respeito ao fato dos docentes de química precisarem conhecer, além do conteúdo químico, aspectos ligados a libras, para não depender somente dos intérpretes, que não possuem uma formação quanto à química, dificultando ainda mais a aprendizagem. Que ocorre quando uma nova informação ancora-se a conceitos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz, mas o conhecimento químico por si só, já é dotado de simbologias, significados e linguagens próprias, necessitando assim de um conhecimento um pouco mais aprofundado remetendo dificuldades além das cotidianas ao trabalho do intérprete.

## Conclusões

Sendo assim, é de suma importância que o educador esteja atento ao fato de que o contexto escolar que possui ações pedagógicas voltadas para os DAs e surdos deve aliar as metodologias tradicionais às novas propostas de construção com um aprendizado que transforma o conhecimento original em ações, obtendo um ensino de qualidade e realmente inclusivo. Conclui-se, portanto, que o sistema de inclusão de alunos surdos ainda possui lacunas e para que sejam preenchidas o professor deve ser o principal colaborador, assumindo a responsabilidade de desenvolver meios que garantam a construção do conhecimento.

<sup>1</sup> Skliar, Carlos (org) A Surdez: Um olhar sobre as diferenças. Porto alegre: Mediação. 1998 2ª edição Porto alegre, 2001.

<sup>2</sup> Silva, C.R. O ensino de química para alunos surdos na rede pública do Distrito Federal. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Química) – Universidade de Brasília, 2004.